Sentido da atividade criadora de Deus

Um poema gnóstico chamado "Trovão: a mente perfeita" descreve o espírito manifestado ora como *Eva*, ora como *Sabedoria*, da seguinte maneira:

> Eu sou a primeira e a última:
> eu sou a que é honrada e a de quem se zomba;
> sou a prostituta e a santa;
> sou a esposa e a virgem;
> sou a noiva e o noivo,
> e foi meu marido quem me gerou;
> sou o conhecimento e a ignorância;
> sou a tola e a sábia;
> sou aquela a quem chamam vida *(Eva)*,
> e vós chamastes morte[1].

Queremos pensar a possibilidade de construir a relação a partir da semelhança de Deus, solidários e íntimos assumindo a culpa.

O lugar teológico do falar de Deus está ligado à questão da corporeidade de um Deus que se encarna e se faz um de nós, discutindo o valor do ser humano, da sexualidade – masculino e feminino – em busca de uma sociedade com novas relações.

Como essas imagens e linguagem interferem na cultura, na Igreja e na vida de uma sociedade?

Pensar e falar de um texto não é uma tarefa simples e exige de nós muita atenção e dedicação.

1. PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*. Rocco, Rio de Janeiro, 1992, p. 102

No propósito do título, estamos diante do *ato criador de Deus*, que move, transforma, cria, estraga, conserta, nutre, ama, na arte de criar a vida sobre todos os aspectos.

Não pretendemos escrever um tratado de teologia ou fazer uma exegese do texto, mas queremos deixar a imaginação voar sem preconceitos, descortinando o mito, deixando-o falar por si mesmo, num mundo também imaginário do Éden, o paraíso.

PARÁFRASE DE Gn 2,4b–3,24

Javé fez o céu e a terra, mas não tinha feito chover e ninguém cuidava da terra. Construiu o homem do barro e deu-lhe o espírito da vida: ao homem foram dados os sentidos.

Javé o colocou no jardim do Éden, fez brotar árvores de muitas espécies boas para o sustento e agradáveis aos olhos, os primeiros frutos, as primeiras cores e perfumes. E no centro do jardim colocou a *árvore da vida* e a *árvore que dá conhecimento do bem e do mal*. Javé concedeu ao homem o desejo de cultivar o jardim, onde crescem flores e frutos. Porém, Javé fez uma advertência: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer" (2,17).

E Javé viu que tudo quanto havia feito era muito bom!

Javé tira do homem uma costela e dela faz a mulher, criação. Ele dá ao homem uma auxiliadora, uma igual.

Corpo macho e fêmea, corpos que nada precisam esconder; tudo era bom, os olhos eram bons, imagem e semelhança de Javé.

"Então o homem exclamou: – Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem!"

Nasce a beleza, o mistério; cria-os para a intimidade, o amor, o prazer, a alegria; somos belos como o desejo de Javé.

Jardim, natureza, homem e mulher, bichos, plantas na mais perfeita harmonia e amizade.

A serpente era um animal astuto e fez à mulher uma promessa de vida, fascinou-a, tentou-a. "A serpente disse então à mulher: – Não, não morrereis! Mas Deus sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal" (3,4-5).

Comer do fruto mágico que transforma nossos corpos frágeis em seres divinos, juventude eterna que florescia no meio do jardim, a árvore da vida.

A mulher viu e desejou comer o fruto apetitoso, queria sentir o gosto bom por antecipação, um prazer de conhecer o futuro. Comeu e deu ao seu marido, que também comeu, sendo co-participante. Tudo passa a ser diferente.

Então viram que estavam nus, descobriram os limites estreitos dos corpos e se esconderam atrás das folhas.

Ecoou o andar de Javé pelo jardim, pela brisa da tarde, aparecendo nos espaços coloridos e amigos do mundo encantado. E Javé procurou o homem, que

teve medo e fugiu. Antes não precisava fugir, tudo era bom. Javé interrogou ao homem: Como viu que estava nu?

Javé percebe a auto-suficiência do homem, que foi contra a sua advertência. O homem, por sua vez, culpa Javé por ter criado a mulher: "O homem respondeu: – A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore e eu comi!" (3,12).

– E você mulher?

– Não resisti à tentação e comi.

Comeram porque os olhos viram com o desejo, a imaginação voa... A imaginação convoca o corpo; vem o trabalho, a luta pelo sustento, a terra árida e sem força, o sol que castiga o chão, as fontes não mais existem... A mulher gemerá com dores de parto e será submetida ao seu marido. O corpo, o belo, se contorce na luta diária e Javé assume os corpos de homem e mulher e os nutre, os veste, para saírem mais fortes para a vida: "Javé Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele e os vestiu" (3,21).

E à mulher disse: – Serás geradora de vida.

E ao Adam: – Serás o cultivador do solo.

E Javé viu que tudo quanto havia feito era muito bom!

DA PROFUNDEZA AQUÁTICA ONDE DEUS CRIA

Falar das origens do mundo, da criação do universo, do homem e da mulher, da queda original e de suas conseqüências é voltar à história primitiva e descobrir os mistérios da revelação.

Na história do Gênesis (*bereshit* = no princípio) temos narrada a vida dos antepassados, seus costumes, suas lendas, seus medos e crenças e principalmente o jeito de entender sua convivência com Deus. Mostram-se aí os acontecimentos e realidades que se desenvolvem em todo o tempo e lugar.

A composição desta vasta coletânea era atribuída a Moisés até o início da nossa era ("Filipe encontrou Natanael e lhe disse: – Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré", Jo 5,45).

Evidentemente que o estudo moderno percebeu que havia diferentes estilos, repetições e desordens que não poderiam ser atribuídos a um só autor.

No fim do século XIX uma teoria conseguiu se firmar a partir dos conceituados estudos de Graf e de Wellhausen: sobre os quatro documentos do Pentateuco, diferentes quanto à idade e ao ambiente de origem e todos posteriores a Moisés.

No início desta pesquisa o desejo dos estudiosos era conhecer as fontes utilizadas pelos autores. Hoje o estudo expandiu-se e quer incluir detalhes da tradição oral, formas (gêneros) literárias típicas e os ambientes na vida desses povos, os mitos e lendas que influenciaram, por exemplo, a história da criação; era preciso abrir o baú e tirar as roupas antigas, as fotografias e objetos valiosos para conhecer a história.

Tentaremos estudar a estrutura que deriva de Gn 2,4b até 3,24, que forma uma só unidade e apresenta um conjunto literário que deve ser entendido como um todo. Como aponta Milton Schwantes[2], a grande construção reúne blocos e elementos de tradições, formando uma unidade nada fácil de se compreender.

Em Gn 2,10-14 trata-se dos rios que, saídos do Éden, irrigam o mundo todo.

Em Gn 2,18-24 se descreve a cena em que Javé busca a "auxiliadora idônea" para o homem. Esta é uma tradição própria, incorporada à nossa história...

Certamente as três maldições em Gn 3,14-19 também são anteriores e fazem parte da tradição jurídica de Israel.

Além destes "blocos" podemos contar com outras tantas tradições incorporadas ao texto. Na tradição da árvore do conhecimento (Gn 2,7-17) e da árvore da vida (3,22) poderíamos acrescentar ainda a nudez de 2,25 e as cintas de 3,7 e a vestimenta de peles em 3,21. A própria serpente caberia neste contexto. São muito mais os elementos que poderiam se incorporar à narração. Esta história da criação pode interferir na nossa vida?

A CRIATIVIDADE DO JAVISTA

A narrativa da criação está localizada no gênero literário entre os mitos da profundeza aquática onde Deus cria. O texto atual poderia ser localizado em pleno século X. Mais provável que seja reflexo da polêmica antiidolátrica, entre os séculos IX e VIII aC.

O javista foi composto, segundo a maioria dos estudiosos, entre 960 e 930 aC, durante o reinado de Salomão. "O javista moldou uma obra de proporções épicas que combina simplicidade e grandeza"[3].

O escrito javista possui extenso vocabulário: "conhecer" como eufemismo para relações sexuais; "invocar o nome de Javé" para indicar a adoração da divindade; "abençoar" como ação benéfica da divindade para com os seres humanos e outras criaturas... Usa trocadilhos como: *'adamah,* "terreno/solo", e *'Adam,* "ser humano", o cultivador da *'adamah* ("terreno/solo").

O javista é criativo: imagina Deus passeando no jardim na brisa da manhã (Gn 3,8). Fala de Deus em termos quase corpóreos.

Nos escritos javistas o tempo é experimentado primariamente pelo homem: na narração do paraíso, o tempo da vida do homem é ocupado com o cultivo, a proteção e o gozo do jardim, que lhe foi dado como propriedade.

Para o javista, a história é uma sucessão mutável e causadora de mudanças orientadas para uma meta que, com o tempo, oferece antes de tudo a possibilidade da vida doada ao homem.

2. SCHWANTES, M. Projetos em conflito (Gn 2–3). Em *Curso de verão,* S. Paulo, Paulinas/CESEP, ano V, 1991, p. 13-17.

3. GOTTWALD, N.K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica.* São Paulo, Paulinas, 1988, p. 309.

O interesse do javista está voltado inteiramente para aquelas relações nas quais o homem desde o começo tem que reconhecer que é humano, que depende de Deus em quaisquer situações em que viva.

Em Gn 2–11 Javé manifesta traços de ciúme violento, que o leva a tomar medidas drásticas para proteger as prerrogativas celestes contra a curiosidade e ambição do homem e da mulher (o assim chamado motivo prometéico).

CENÁRIO DOS MISTÉRIOS

A vida depende de sol e chuva, luz e trevas, cuidado e não-cuidado, terra seca e terra fértil, trabalho e descanso, homem e mulher, árvore da vida e árvore do conhecimento do bem e do mal, verdade e mentira, vida e morte, liberdade e proibição. Estes dualismos fazem parte do simbolismo bíblico que expressa a soberania de Javé sobre todas as coisas.

O homem é criado antes das plantas e animais, e modelado do pó da terra, corpo e espírito, criado à imagem e semelhança de Javé, para ser criativo e contribuir com o mundo por ora organizado.

O jardim Éden-paraíso, o lugar de paz, sabedoria, perfeição e beleza, onde o homem tem possibilidade de vida plena, água, frutos em abundância, certamente o lugar do nosso imaginário, onde sonhamos ficar ou estar vivendo em harmonia com a natureza.

"A presença das duas árvores no jardim é desconsiderada por Javé e pelo casal humano. Até o final da narrativa (Gn 3,22) o leitor se pergunta por que o homem e a mulher não comeram da árvore da vida imediatamente depois de provar da árvore do conhecimento do bem e do mal, garantindo com isso para si próprios vida eterna".[4]

Muitos querem uma explicação científica a respeito de todos os temas que sugerem o mito da criação. Não entendem a linguagem, que é cheia de mistérios, parábola e poesia para falar do relacionamento do Criador e do ser criado, da existência do mundo e de sua totalidade.

A palavra em si carrega a força e o mistério do tempo; passado e futuro se encerram numa construção, a criação.

"As parábolas da criação não nos oferecem uma teoria, uma hipótese filosófica acerca de como chegou a existir o mundo; nem a parábola da queda nos apresenta uma análise científica da natureza humana. Pelo contrário, me oferecem um conhecimento pessoal acerca de minha existência, minha procedência de Deus, minha dependência dele, minha necessidade de reconciliação com Ele".[5]

Em tudo isso há uma criatividade reveladora, uma mistura de mito e ritual, de verdade e revelação, de antigo e moderno, de medo e paixão, festividade e fertilidade, real e mágico...

"É difícil crer – disse Kierkegaard – 'porque é difícil obedecer'"[6].

4. *Id., ibid.,* p. 313.

5. RICHARDSON, Alan. *Genesis I-XI,* 1965, p. 35.

6. *Id., ibid.,* p. 44.

No palco do mundo pré-histórico, felicidade e pecado no paraíso fazem seu próprio cenário. A explicação etiológica (segundo H. Gunkel, a narração da criação se interroga e dá resposta às perenes interrogações da humanidade, na tentativa de chegar à causa que explique o destino do homem) não permite uma avaliação simplista de trabalho e sexualidade como pecado ou castigo. Pois o homem já trabalhava antes de desobedecer, homem e mulher já compartilhavam a vida juntos antes da desobediência a Javé.

A linguagem teológica – como pecado, queda, castigo, liberdade – não é tão marcante na descrição da narração. As narrativas do paraíso e do pecado não são verdades de ordem religioso-moral, mas um núcleo fundamental para conhecer a condição primitiva.

A tentação como engodo da nova experiência e sabedoria, que é novidade, semeia dúvidas e desperta ambição e sede de conhecimento e de controle. O agente da discórdia entre Javé e os seres humanos, entre o homem e a mulher está personificado na serpente, que é astuta e artificiosa.

Homem e mulher são criados, numa expressa co-igualdade, de uma costela, quer dizer, do mesmo material em natureza e dignidade, para viver em sociedade (Gn 2,18-24). Essa extração criativa abre possibilidades de mistério e sedução.

Mulher da costela: De acordo com o *Poema Dilmun* narra-se que o deus Enki teve uma doença na costela e a deusa criada para curar é chamada *Ninti*. Por esse poema pensamos que esta mulher é a que dá vida. Certamente o javista tomou a idéia desse antigo mito para poder falar da costela de Adão, ou então da *Isshah* ou *Hawwah* – Eva, mãe dos viventes.

Deus apresenta a Adão a mulher tirada dele, e um grito de explosão surge dele (*zo't happa'am*): "ossos dos meus ossos e carne de minha carne", um poema de amor, uma declaração de reconhecimento da companheira, da igual desejada (2,23). E em 2,24 a expressão "eles se tornam uma carne" é *bassar 'ehad* ("uma única carne"); significa a união corporal de homem e mulher, como hoje se diz: um pertence inteiramente ao outro.

Toda a exegese cristã e judaica posterior tende a mostrar a mulher como a causadora da desobediência, atribuindo-a ao fruto da própria sexualidade, como se a mulher fosse a sedutora.

QUE CULPA TEM O CORPO?

Nessa discussão passaremos a tratar da subjugação das mulheres, do cuidado da vida, das marcas no rosto, nas mãos e no corpo, resultantes da violência que sofrem as mulheres de nosso tempo.

Como tarefa da criatividade teológica, o corpo sempre esteve presente na teologia da criação, na consideração da queda e do pecado. No entanto, sempre o corpo e o corpóreo tomavam atitudes negativas e contraditórias a respeito do ser humano. Nesse tempo a vida era desencarnada. Hoje, diante da opressão que sofremos, não podemos conceber uma religião desencarnada, visto que é no ato da encarnação que Deus se faz história por meio de Jesus.

A narrativa da criação mostra que o homem e a mulher foram criados para o amor, para um relacionamento de intimidade e paixão, e não para repressão e

vergonha. Deus criou e disse: – É bom. Seus corpos são bons. É da bondade destes corpos que nasce o amor. O lugar onde esse amor floresce não é mais o paraíso, mas o lugar onde os corpos se encontram e se recuperam no relacionamento amoroso, numa sociedade livre; onde o amor revela-se em prazer, em beleza, que não se pode comprar nem vender, onde não há temor (Gn 2,23-24).

O cristianismo durante séculos não resolveu o problema ligado à questão da sexualidade. A Igreja medieval via no sexo a sede do pecado, e ainda hoje a repressão sexual e a falta de esclarecimento criam muitos mitos e reforçam uma idéia ambígua da criação e dos propósitos de Deus ao criar homem e mulher para a vida em plenitude.

"Os mitos (ideologização) extraídos do mito (gênero literário) aqui funcionam como tranqüilizadores da consciência de opressores e oprimidos; como legitimadores de uma relação entre homem e mulher"[7].

A sexualidade não pode ser desligada da nossa luta diária pela vida e pelos direitos humanos, com a mesma força da luta pela emancipação de um povo.

A história de Adão e Eva serviu para reforçar o casamento tradicional e provar que a mulher facilmente enganada não se presta a outro papel a não ser o de procriar, cuidar da casa e dos filhos, ser submissa ao marido que lhe atribui seus desejos e impõe sua vontade.

Muitos estudiosos e cristãos achavam que a mulher personificava a serpente, e recorreram à história para justificar suas crenças e a estrutura patriarcal da vida comunitária.

Clemente de Alexandria rejeitou-a: "Afirmativa dos radicais que diziam que o pecado de Adão e Eva foi sexual – que o 'fruto da árvore do conhecimento' proibido transmitia principalmente o conhecimento carnal. Pelo contrário disse (c. 180 dC): participar de forma consciente do ato da procriação é 'cooperar com Deus no trabalho da criação'. O pecado de Adão não foi o prazer sexual, e sim a desobediência. Clemente, portanto, concordava com a maioria de seus contemporâneos judeus e cristãos em que o verdadeiro tema da história de Adão e Eva é a liberdade e a responsabilidade morais. Sua intenção é mostrar que somos responsáveis pelas escolhas que fazemos livremente, boas ou más, assim como Adão"[8].

Nesse contexto da criação tem-se permitido criar idéias a respeito da inferioridade da mulher, principalmente os que fazem da Bíblia uma leitura sexista, tentando até hoje justificar suas idéias e culpar a mulher por todos os erros da humanidade. Mas nosso Deus não pode legitimar nenhuma situação de opressão, pois é o Deus da vida.

A mulher é a fonte de tentação? A questão não está tanto no texto, mas na interpretação do texto. Por que nossas Igrejas seguem a tradição e não querem mudar o jeito de ler a Bíblia? Poderiam mudar o jeito de ler a Bíblia, lendo-a a partir do mito dos índios Tucumãs, em que o homem é o culpado da entrada do mal no mundo.

Recordamos os elementos do relato: o Éden, a abundância de tudo, a igualdade entre o *Adam* e a *Isshah*; a harmonia entre os seres humanos, os animais

7. TAMEZ, Elza. *Lo Femenino y el pecado*. Quito, CLAI, 1986, p. 9.
8. PAGELS, Elaine., *op. cit.*, p. 22.

e a natureza; a liberdade de escolher entre a árvore da vida e seu oposto; a segurança em seu criador.

Javé adverte para não comer; o animal faz uma contra-advertência e segue uma decisão de Adão e Eva de tomar do fruto. Se ele come da árvore da vida, viverá; se comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, experimentará a dor, o sofrimento, a derrota, a desconfiança e a morte.

A decisão pela contra-advertência inverte a ordem. A serpente passa a ser a conselheira, a salvadora, e Deus o seu adversário. A decisão de comer foi motivada pela *Isshah*: ela viu que a árvore tentava o apetite, que era uma delícia para os olhos, tomou do fruto e comeu; depois deu a Adão, que estava passivo diante do diálogo da mulher e a serpente. Ambos decidiram comer; são portanto cúmplices e conheceram a morte.

A conseqüência da desobediência aparece: falta harmonia entre o homem e a mulher, que se culpam; vêem a sua nudez, a diferença. Também rompe-se a harmonia entre Adão e Eva com respeito à natureza. A *Isshah* estará em guerra com o animal e o *Adam* pelejará contra a terra, antes fértil e agora árida. Desapareceu a igualdade e um submeterá o outro. Para um e outro a vida custará esforço e luta. As dores de parto serão maiores e a terra mais difícil de produzir o sustento. Eles não têm mais escolha, não têm acesso à árvore da vida; neles só há temor e insegurança. Estão nus. Mas há um elemento novo: no Éden tudo era vida, agora se tem a esperança de trabalhar uma nova terra, uma nova vida. O criador companheiro dá uma promessa: que o fruto de Adão e Eva combaterá a serpente. O triunfo de Eva é a vitalidade que combaterá a serpente.

É a *mulher* que repõe a vida no centro da humanidade. E não importa quem comeu o fruto primeiro. Ambos comeram, mas podem reconstruir a partir de um relacionamento recíproco, podem lutar para desfazer esta ordem injusta.

Deus dá ao homem e à mulher a capacidade de criar vida, desenvolver-se. Essa capacidade é dom de Deus, que nos fez sua imagem e semelhança, homem e mulher. Quando essa capacidade foi desviada surgiu a desordem na sociedade. A única maneira de sair deste estado é modificar o cotidiano, lutar por um plano econômico, através do trabalho. O trabalho não como castigo, mas como recriar. O homem foi expulso do jardim para lutar e conquistar a árvore da vida. Não para uma luta desigual e des-*humana*, vazia de propósito e sem acreditar no projeto de Deus.

Hoje, em nosso contexto, o fruto apetitoso se torna atraente, e ambos comem dele, gerando mal-estar e desconfiança, permitindo má interpretação da história e repetindo os erros nas nossas comunidades de fé, onde o discurso e a prática são dissociados e as mulheres ainda sofrem e permitem a opressão.

Quando Deus pergunta onde estão, se escondem, têm vergonha; sabem que estão nus. É um conhecimento que termina em desconhecimento, pois aparece o sentimento de culpa que os separa de Deus. Não reconhecem o que fizeram. Usam a desculpa: "Tivemos medo porque estamos nus". Como podem ter medo se sempre estiveram nus? O temor e a vergonha não são causa, mas conseqüência; reina a desconfiança.

Deus, que é compaixão, faz vestes para os cobrir. Agora a saída para lutar pela vida está mais forte, pois estão protegidos por Deus, que os capacita para a missão.

Sabemos que a situação de injustiça não é vontade de Deus. Os homens e as mulheres é que fazem seu projeto, independente de Deus. Os relatos da criação não são um mandamento de Deus, mas a descrição dos acontecimentos do início do mundo.

Para nós cristãos, as passagens de Gn 2–3 estão muito arraigadas, produzindo uma visão de pecado, de culpa, de pessimismo e até mesmo de falta de criatividade para apontar novas estratégias no propósito de Deus de salvar o mundo.

Diante disso, Deus promete uma descendência, em que a *Isshah* é nomeada Eva, "mãe dos viventes". Não há abandono de Deus, a vocação do ser humano é viver...

Para nós mulheres latino-americanas, Gn 2–3 não legitima uma situação de opressão, pois ela e ele, juntos, o feminino e o masculino, lutam para re-construir uma nova sociedade, já que os dois foram colocados fora do jardim.

Homem e mulher são a humanidade. O homem chama Eva a mulher, que é sua companheira, que luta junto para trazer o novo, a saída em meio à crise que permite ser geradora de *vida*. A comunhão da criação está ligada à paixão de Deus criador, sempre aberto a novas possibilidades, de começar de novo. A partir da crise, do caos, até chegar à promessa de *vida plena*.

Giselma Almeida Pereira
Av. Alcindo Bulhões Paes, 735
26320-470 Queimados, RJ